

## O PAPEL DO DESENHO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Edineusa Cardoso de Melo

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, PPGDCI

[edineusacardoso@gmail.com](mailto:edineusacardoso@gmail.com)

Gedalva Neres da Paz

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, PPGDCI

[gedapaz@gmail.com](mailto:gedapaz@gmail.com)

### Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa exploratória a respeito do papel do desenho na formação dos alunos nas séries iniciais, pois desenhar, escrever e ler são atividades humanas ligadas a linguagem e a língua. A relação entre estas é de grande proximidade, embora desenhar conserve íntima relação com a leitura e a escrita no processo histórico, as mesmas são separadas, até mesmo rivalizadas na prática escolar. Foram utilizadas as técnicas de observação e análise de desenhos. Buscaremos neste artigo advogar sobre a efetiva necessidade da inclusão do desenho nas salas de aula devido as aproximação entre desenho e as capacidade de escrever e ler.

**Palavras-chave:** Linguagem, desenho, leitura, escrita.

### Abstract

This article is the result of an exploratory research about the role of drawing in the formation of students in the initial grades, since drawing, writing and reading are human activities linked to language and language. The relation between them is very close, although drawing is closely related to reading and writing in the historical process, they are separated, even rivaled in school practice. The techniques of observation and analysis of drawings were used. We will seek in this article to advocate on the effective necessity of the inclusion of the drawing in the classrooms due to the approximation between drawing and the ability to write and read

**Keywords:** Language, drawing, reading, writing.

### LER, DESENHAR E ESCREVER: CAMINHOS TRANSVERSOS

Ler, desenhar e escrever estão concebidas entre aqueles elementos que não se pode falar de um sem falar dos outros. Falar a respeito da escrita implica em falar do desenho e da leitura, porque ao se registrar um sentido, um conhecimento, faz-se no desejo de que o mesmo chegue ao outro. Esse outro que, ao ler, busca sentido, conhecimento, identificação, entendimento do que antes fora pensado ou sentido por alguém em algum lugar. O leitor busca se identificar com o sentimento ou pensamento ali registrado, assim, procura-se o conhecimento de si.

Falar ao celular, utilizar as redes sociais para se comunicar ler jornais, revistas, livros e utilizar as demais formas de comunicação, hoje nos parece natural a ponto de perdermos de vista a ideia do complexo processo de aquisição da linguagem, da língua materna, assim como das habilidades que nos permitem escrever e ler. O processo de construção da linguagem até as línguas é complexo. Os estudos antropológicos, linguísticos, dentre outros, demonstram que foi longo o percurso até o ser humano ter desenvolvido e se apropriado dessa forma de comunicação, que se torna mais complexa à medida que as sociedades avançam nos modos de se organizar e se comunicar.

Como resultado de um avanço natural da humanidade, após dominar a linguagem, o ser humano foi impulsionado pela necessidade de evoluir. De posse da fala como uma das formas de comunicação que atendiam suas demandas, o ser humano teve garantidas as condições para o advento de novas conquistas, como a da escrita. Essa conquista foi impulsionada pela limitação que a comunicação frente a frente criava, pois demandava do deslocamento da pessoa que levasse a mensagem além da limitação da memória como única e exclusiva forma de registro.

## **DESENHO, A PRIMEIRA ESCRITA**

A comunicação através de registros gráficos dos povos primitivos ocorreu através dos desenhos nas paredes das cavernas, embora ainda não sendo um tipo de escrita, por não haver organização nem padronização das representações gráficas. Ainda assim, o desenho tem um papel importante no desenvolvimento de habilidades que, mais adiante, iriam permitir a espécie humana evoluir para a escrita e leitura. Ao representar uma ideia, um plano, as experiências do seu dia, através do desenho, o ser humano concebe um relevante passo ao compreender que seus desenhos têm um significado. Assim se inicia o processo de desenvolvimento da capacidade de representação do seu cotidiano, da sua história de vida e a capacidade de guardar informações ao longo da história.

Certeau (1982) descreve a evolução da escrita elaborada e criada na antiga Mesopotâmia da seguinte forma: após sumérios desenvolverem a escrita cuneiforme, quase nesse mesmo período, os egípcios desenvolveram duas formas de escrita: a demótica e a hieroglífica. Além dos registros nas paredes das pirâmides, já se utilizava uma espécie de papel produzido a partir de uma planta chamada papiro, nome dado ao papel. Os romanos, na Roma antiga, iniciaram a escrita nos pergaminhos com hastes de bambu ou penas de aves, criando um novo estilo de escrita, a uncial, utilizado na escritura de bíblias.

De acordo com Mandel (2011), a escrita se expressa através da imagem de quem a faz. Nela são expressos os seres humanos e as sociedades que as destilaram. As transmutações escriturais sofridas por essa escrita não podem ser atribuídas ao acaso, pois

traduzem uma deliberada mudança ligada às suas preocupações referentes a cada momento histórico.

A evolução da escrita ocorreu devido à emergência de se realizar melhor o registro para alcançar o objetivo de guardar informações, registrar conhecimentos construídos e divulgá-los. Afinal, somente se registra o que se quer que seja lido. O fato de sermos buscadores, desejosos de saber, de conhecer, nos impulsiona, desde sempre, a ler os sinais escritos e inscritos na natureza. Como descreve Zaccur,

A presença do ser leitor ressoa em nossa trajetória antológica. Desde a pré história, o coletador reuniu pistas, conhecimentos indiciários que o credenciaram ao cultivo de alimentos. De modo similar, o caçador da pré história tanto refinou sua percepção do modo de vida dos animais que caçava que criou condições para o aparecimento do domesticador e criador de animais. O caçador primitivo farejava o ar para pressentir a presa ao mesmo tempo atento aos seus rastros e ruídos. Não por acaso que a etimologia de *legére* é marcada por uma série de experiências existenciais que vão de recolher a juntar, do costear ao apropriar, do eleger ao ler. Sendo um ontológico investigador de pistas, o ser leitor afronta mistérios, descobre, cria... (ZACCUR, 2001, p. 34-35).

Zaccur (2001) nos chama atenção para o fato de que seguir os cheiros, pegadas, imagens, sons e mesmo sua ausência são, assim, um impulso para compreender, entender, decifrar o mundo que nos rodeia e, desse modo, influenciar e ser influenciado pelos seus registros.

Freire (1979) esclarece que a leitura do mundo sempre precede a leitura da palavra. As imagens são lidas por nós e antes mesmo de percebermos a existência da palavra buscamos imprimir sentido aos signos e ao mundo das imagens. Vemos o que está no mundo e que nos chama atenção, pois, de alguma forma, nos dizem respeito. Logo, a leitura é influenciada pela história de vida do leitor. A ideia de Freire é corroborada por Manguel (2001) quando este afirma que o que vemos é sempre a imagem traduzida nos termos de nossa própria experiência. Para ele, o leitor e suas emoções afetam e são afetados pela leitura das imagens. Lemos mapas, expressões, poesias, bilhetes, cartas, jornais, revistas em quadrinho, textos literários, informativos, científicos, frases nos postes, muros, caminhões, livros, mensagens nas redes sociais, jogos eletrônicos, instruções, enfim, não importa o que lemos, e sim que lemos e somos atraídos a todo o tempo para o ato de ler. Gostamos de ouvir textos lidos e, ainda, textos transportados para o teatro, cinema, rádio e televisão.

Lemos para entender o mundo, para estar nele, para lembrar, esquecer, para conhecer o passado e o futuro, para nos encontrarmos e também para nos perdermos. Assim, mandar mensagem e lê-las da forma que fazemos hoje é fruto de um esforço do

aperfeiçoamento das formas de enviá-las e recebê-las. Antes, as mensagens eram transmitidas por sons e gestos, sinais de fumaça, sons do tambor, código Morse, telégrafo, telefone, jornal. Os meios e formas evoluem juntamente com o ser humano e a sociedade na qual este está inserido. O que nos move é o desejo de comunicar, partilhar, exercer poder, influenciar e ser influenciado.

O desenho tem papel importante no desenvolvimento de habilidades que, mais adiante, permitiram à espécie humana evoluir para a escrita. Ao representar uma ideia, um plano, as experiências do cotidiano através do desenho, o ser humano dá um significativo passo, compreende que aqueles registros têm um significado, representam algo que existe ou que deverá existir. Muito mais que o desenvolvimento motor, desenhar proporciona a compreensão de que se registram ideias. Embora ausente, um ser ou um objeto, ao passar pelo pensamento, pode ser representado.

A trajetória do desenho até a escrita, processo pelo qual passaram nossos ancestrais, ocorre em um percurso bem semelhante ao das crianças. Estas gostam naturalmente de desenhar. Em um primeiro momento, sem mesmo ter a dimensão de que estão desenhando, as crianças gostam de riscar paredes, papéis, chão e apreciam o movimento ao desenhar. Não importa o suporte, apenas gostam e o fazem com todo prazer, concentradas ou falando sozinhas. À medida que desenhavam, descobrem o mundo e as formas de internalizá-lo. Segundo Albano (1993, p. 28), “A criança pequena desenha pelo prazer do gesto, pelo prazer de produzir uma marca. É um jogo de exercício que a criança repete muitas vezes para certificar-se do seu domínio sobre aquele movimento.”

Mesmo antes de falar, a criança usa o desenho como uma forma de comunicação do que sente ou percebe. Através dele, projeta e estabelece comunicação com o mundo e é dessa maneira que se relaciona com a cultura e com a realidade que a cerca, ao mesmo tempo em que exercita a coordenação com o uso de instrumentos diversos, o movimento, as mãos e o pensamento. Desse modo, a criança desenvolve a competência simbólica, pois exercita a representação e a simbolização. Ao observar uma criança que desenha, a depender da sua idade, percebe-se a presença da linguagem oral: ou ela fala o que desenhou, ou o que vai desenhar, ou mesmo o que está desenhando. Mais adiante, ela sente a necessidade de escrever, embora algumas vezes sem dominar o código alfabético, marcando, assim, a íntima ligação entre a linguagem gráfica e a oral.

Antes de a criança frequentar espaços de educação formal, o desenho faz parte da sua vida. Através dele é que a criança encontra a tranquilidade, brinca, aprende a se relacionar com o mundo que a cerca e expressa seus desejos, em especial através do desenho, por ser uma forma direta de comunicar. De modo geral o desenho assume o papel de atividade, quando incluída neste espaço de formação. Desenha-se na hora em que o

professor determina. Em muitos casos, o desenho a ser feito é também definido pelo professor. Ainda assim, o aluno continua a desenhar pela relação afetiva e pelo prazer que aprendeu a ter ao fazê-lo. Segundo Junqueira Filho,

A criança aprende ainda sobre sua própria humanidade, na medida em que, ao desenhar, a criança está realizando – reafirmando e atualizando – algo ancestral de sua humanidade: a capacidade e a necessidade dos seres humanos de se deixarem em marcas. Foram os seres humanos que inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo. (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p. 54).

Junqueira Filho (2005) destaca a importância do desenho na formação da identidade da criança. Para este autor, ao estabelecer contato com o mundo e as construções históricas e culturais, a criança se faz humana, compreende esta humanidade e marca a sua existência.

O desenho embora seja a forma gráfica de representar, anterior e intimamente ligada à escrita, na maioria das vezes a escola, não associa as atividades de escrita, nem de leitura ao desenho. Até sua entrada na escola, a criança representa seu conhecimento de mundo a partir do desenho, era este seu modo de comunicar o seu mundo. Na escola, o desenho ocupa um espaço mínimo, de forma que a criança tem seu direito de desenhar cerceado, pois, na maior parte das Unidades de Ensino a Gramática e da Matemática representam componentes atrelados ao centro do saber a ser adquirido pelas crianças, o que limita por demais a experiência de aprendizagem das crianças. Segundo Edwards:

As artes são essenciais para desenvolver o raciocínio específico visual e perceptivo, tanto quanto ler e escrever e contar são imprescindíveis para o desenvolvimento do raciocínio específico verbal, numérico e analítico. Creio que ambos os tipos de raciocínio – um para a compreensão dos detalhes para enxergar o quadro inteiro por exemplo- sejam cruciais para a formação de um pensamento crítico, a extrapolação de significados e a resolução de problemas. (EDWARDS, 2002, p. 12).

Certos de que o papel da escola é ensinar a ler e escrever, os professores impõem aos alunos uma rotina árdua, na qual desenhar não tem espaço, motivação, sentido e significado. A habilidade de desenhar necessita de uma prática que promoverá, a cada dia, um desempenho maior. A criança, agora aluno, terá até mesmo em casa responsabilidades com as atividades relacionadas à leitura e escrita e cada vez menos tempo para desenhar e

se relacionar com a representação simbólica, sendo assim privada de vivenciar o imaginário e suas possibilidades.

Na maioria das famílias, as crianças não são estimuladas ao ato de desenhar e representar. Como na maioria das escolas esta atividade é limitada, uma das consequências do não investimento na prática do desenho, de acordo com Albano (1993) e Edwards (2002), é que o aluno tem interrompido o desenvolvimento do seu traço. Para estas autoras, o desenho das crianças fica congelado na infância. Segundo as mesmas autoras, é comum encontrar pessoas nos mais altos graus de formação acadêmica com seus desenhos estacionados entre os cinco e dez anos de idade. Além de promover o desenvolvimento de habilidades que abrem possibilidades para a aprendizagem de conhecimentos das mais diversas áreas, o desenho, para Albano (1993), ocupa ainda destaque como forma de linguagem. A autora sinaliza que, para a criança, o desenho é como o gesto e a fala e deve ser entendido como a primeira escrita da criança, através do qual expressa seus medos, suas descobertas, suas alegrias e tristezas.

Nas discussões a respeito do desenho como modo de expressão, Morin (1975, p. 105) sinaliza que “Num certo sentido, a exibição gráfica constitui a aquisição de um novo modo de expressão e de comunicação, que é uma primeira escrita. Ainda não é naturalmente a linguagem do escrito, com o sinal ideográfico e o símbolo pictográfico”. Assim, o autor destaca o seu papel fundamental na história da evolução humana em relação à mudança da compreensão do real e do imaginário e da representação, fundamentais para o surgimento da escrita. A necessidade de comunicar surge a partir das imagens mentais que construímos, a partir do que vemos, pensamos ou sentimos. Logo, antes de ter acesso às informações a respeito do funcionamento do código alfabético, expressamos estas imagens através do desenho. Quando a criança exercita esta prática, ela compreende que é possível representar.

Foi através do ato de desenhar com objetivo de registrar e comunicar que nossos ancestrais chegaram à escrita. No caso das nossas crianças, ao entrarem na escola, elas são expostas ao treinamento árduo de letras soltas, palavras e textos que, muitas vezes, não lhes dizem respeito, nem atraem sua atenção. Sem que lhes seja oportunizada, na maioria das unidades de ensino, a possibilidade de expressão através do desenho. Mesmo que ainda estes não possam escrever é possível oportunizar aos alunos pensar, sentir e desejar e assim, comunicar. Sendo assim, o aluno estaria desenvolvendo, dentre outras habilidades cerebrais, uma que é essencial para a compreensão da leitura e da escrita, que é a representação. Através desta representação exercitaria a compreensão do processo de abstração, necessária ao entendimento da escrita e da leitura, apropriando-se do domínio da abstração entre o significante e o significado.

Para ler é necessário construir algumas habilidades básicas como o raciocínio lógico, decifrar sinais gráficos, reconhecer direção e alinhamento da escrita da língua dentre outras. Processo que não é simples. Após dominar cada uma das habilidades, será necessário conseguir a integração de todas elas. Só assim o aluno poderá ter na leitura uma atividade prazerosa. Antes de se ter uma integração prazerosa com a leitura, todas as habilidades básicas deverão ser desenvolvidas e, por fim, o aluno deverá ter aprendido o propósito da leitura, progredindo com esta prática. Para Edwards, essa é a mesma lógica e vale tanto para o desenho como para a escrita.

Como algumas habilidades básicas globais – por exemplo, ler, dirigir, esquiar e andar - desenhar compõe-se de outras habilidades parciais que se integram numa total. Uma vez apreendidos e englobados os componentes, você conseguirá desenhar. Assim como uma vez apreendida a habilidade de ler, sabe-se ler por toda a vida... Não é preciso continuar acrescentar habilidades básicas eternamente. O progresso se dá com a prática, com o refino e a técnica, e também quando se aprende o propósito dessas habilidades. (EDWARDS, 2002, p. 18).

Edwards ressalta ainda que a dificuldade da escola em relacionar as aprendizagens responde pela inabilidade em potencializá-las. Assim, embora desenhar seja indispensável, é uma atividade que acabada sendo negligenciada.

Para que possamos ajudar a administração escolar a enxergar a utilidade da formação artística, acredito ser necessário encontrarmos novas formas de ensinarmos aos alunos como transferir habilidades aprendidas através da arte para matérias acadêmicas e para a solução de problemas. A transferência do aprendizado é tradicionalmente tida como uma das formas de treinamento mais difíceis e, infelizmente, fica relegado ao acaso. Os professores torcem para que os alunos “peguem” a conexão, digamos, entre aprender a desenhar e “enxergar” soluções de problemas, ou aprender gramática da língua e aprender o raciocínio lógico, sequencial. (EDWARDS, 2002, p. 13).

Podemos encontrar ressonância sobre o Desenho, nas obras de autores que se dedicam ao estudo do Desenho como área de conhecimento e como linguagem, dentre eles Edson Dias Ferreira( 2015), Betty Edwards(2002), Ana Angélica Albano(1991) e inúmeros outros autores que dedicam seus estudos no intuito de valorizar o Desenho e lhe conferir influência na vida das pessoas, em especial no desenvolvimento do ser humano como ser integral capaz de usufruir do conhecimento historicamente construído, fruir do acervo simbólico imagético criado por mentes fantásticas, do desenvolvimento econômico ligado ao avanço tecnológico e industrial e em todas as outras áreas que se referem ao ser humano.

O sujeito que escreve e aquele que lê precisaram antes se aventurar na compreensão dos símbolos para, enfim, ser capaz de codificar e decodificar. A partir dessa habilidade

construída é que ele será capaz de escrever palavras, frases, sentenças e textos que serão lidos e interpretados. O texto a ser escrito e, posteriormente, lido atenderá a um objetivo ou não, em determinada modalidade textual. Por natureza, o texto registra um pensamento sobre determinado tema que, inclusive, pode ser apresentado através da fala, mas neste caso será escrito. Segundo Lemle (1988, p. 11), “Temos, portanto, na escrita, duas camadas sobrepostas de relação simbólica: uma relação entre a forma da unidade palavra e um sentido ou conceito correspondente, e uma relação entre a sequência de letras que transcrevem a palavra”. Para Lemle (1988), segundo esta autora, aprender a ler demanda conhecimentos específicos sobre o funcionamento da língua, como esclarecimentos de conceitos sobre a fala, entre os sons da fala e as letras da língua escrita, as diferentes maneiras de pronunciar uma mesma palavra, distinção de língua escrita e língua falada. Assim como saber que os riscos no papel são símbolos dos sons da fala e ainda de dominar o conhecimento do que é um símbolo.

Assim, faz-se necessário compreender a respeito dos contextos socioculturais e históricos que implicam a necessidade de compartilhar o código. Como nos alerta Lemle, é ainda imperativo compartilhar elementos contextuais, pois os símbolos presentes em um texto dificultam a compreensão se fogem ao conhecimento do decodificador desses sinais. Caso contrário, o texto não irá cumprir sua função comunicativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenho, a fala e a escrita são meios, formas, construções sociais e culturais que acompanham a evolução do ser humano atendendo às suas necessidades, como marcar sua existência, capturar a realidade e construir sua identidade. Forjada no silêncio, a linguagem evoluiu do grunhido ao desenho até a palavra e, posteriormente, a palavra como representação simbólica como uma busca do ser humano de atribuir significado à vida, comunicar e compreender o mundo através das ideias, pensamentos e sentimentos.

A convergência entre desenho leitura e escrita, exposta neste trabalho, advoga pela necessidade de professores e pais incluírem a prática do desenho como elemento que ocupa espaço de protagonista na formação das crianças sob pena de darmos continuidade aos baixos resultados de aprendizagens em nossas escolas e a insatisfação de boa parte dos alunos em frequentar a escola.

## Referências

- ALBANO, Ana Angélica Moreira. **O Espaço do Desenho: A Educação do Educador.** São Paulo. Edições Loyola, 1991.
- CERTEAU Michel de. **A escrita da história.** Tradução de: Maria de Lourdes Menezes. Revisão Técnica: Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- EDWARDS, Betty. **Desenhando com o Lado Direito do cérebro.** Tradução Ricardo Silveira. Rio de Janeiro: Ediouro. 2002
- FREIRE, Paulo. **Teoria e Prática da Liberdade:** Uma Introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras:** seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005
- LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do alfabetizador.** São Paulo: Ática, 1988.
- MANGUEL, Alberto **Lendo Imagens,** São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2001.
- MANDEL, Lasdilas **O poder da escrita,** São Paulo: Rosali, 2011.
- MORIN, Edgar. **O enigma do homem.** Trad. Fernando de Castro Ferro. 2ª ed, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- ZACCUR, Edwrigens (org.). **A Magia da Linguagem,** Rio de Janeiro, 2ª Ed., 2001.